



"LÁ" - comédia de Sérgio Jockyman

PROMOÇÃO: CARROSSEL PROMOÇÕES ARTÍSTICAS LTDA.

PRODUÇÃO: Fernando Strehlau

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



PRIMEIRO ATO

RAUL (Termina de abotoar as calças com essa tranquilidade de estar sozinho, cantarolando "Chão de Estrelas - Palhaço das Perdidas ilusões").

VOZ 1 (Voz de homem que se ouve através da porta) - Raul?

RAUL - Opa! (Se dejetem de casaco na mão com a intenção evidente de se livrar de um chato).

VOZ 1 - Quer almoçar no Jóquei?

RAUL - Hoje não posso, meu filho. Já tenho outro compromisso.

VOZ 1 - É que o Augusto vai se encontrar com a gente.

RAUL - Sinto muito, mas não vai dar.

VOZ 1 - Está certo. Você vai demorar?

RAUL - Entrei agorinha.

VOZ 1 - Bom, então não vou esperar. Fecho o escritório ou deixo aberto?

RAUL - Deixe que a dona Anita feche.

VOZ 1 - Então até amanhã no clube.

RAUL - Até amanhã.

VOZ 1 (Gaiato) - E bom proveito.

RAUL - Obrigado. (Manda o outro longe com um gesto, enquanto os passos se afastam). E vai pro inferno antes que eu me esqueça. (Veste o casaco e recomeça a cantarolar) Cheio dos guizos falsos da alegria.. (Engrola a canção, enquanto dá o nó na gravata) Nossas roupas comuns, dependuradas na corda (Tira o pente do bolso e passa nos cabelos) ... pareciam um estranho festival. Bobó bobó (Faz uma ligeira pose para o espelho) Festa de nossos trapos coloridos (Descobre qualquer coisa no nariz e limpa) A porta do barraco era sem trinco e a lua ... (lava as mãos rapidamente e procura a toalha com o olhar) Nunca tem toalha nessa droga. (Tira um pedaço de papel higiênico e enxuga as mãos com ele) Minha vida era um palco iluminado. (Joga o papel no vaso) Palhaço das perdas ilusões. (Vai para o espelho. Passa a mão nos cabelos, ajeita a gravata e o colarinho. Corrige uma sobrancelha. Recua um passo e se dá um último olhar de apreciação. Vai para a porta) Parim pam pam. A porta do barraco era sem trinco (Vira o trinco e puxa a porta que não abre. Canta a linha seguinte reduzindo o ritmo)... e a lua furando o nosso ninco ... (Vira novamente o trinco e puxa sem resultado. Para de cantar Eh? (Repete) Que é isso? (Repete) Mas será possível? (Torna a virar o trinco) É a terceira vez que essa porta ... (Bate ao lado do trinco e depois gira sem resultado) Porcaria. Bate com mais força e gira impaciente) Ah, meu Deus. (Gira o trinco com toda facilidade de um lado para outro) Era só o que me faltava. (Gira) Essa porcaria não fun



ciona. (Bate na porta visando destravar a lingueta) Não abre. (Bate na porta e gira o trinco) Ah, mas não é possível. Vou ter que chamar alguém. (Bate na porta e grita) Ei, quer me abrir a porta aqui do vecê. (Fára um segundo) Miséria. (Bate e grita outra vez) Por favor, venha alguém aqui. Trancou o trinco do toailete ... (Pausa. Escuta) Praga. (Bate) Seu Pedro, seu Pedro. Oh, seu Pedro, aqui no fundo, faça o favor. (Trauteia absolutamente certo de que virá alguém) Tu pisavas nos astros distraída, sem saber ... (Bate na porta e chama) Seu Pedro, Ei? (Tom) É sempre assim, quando preciso dêle o infeliz não aparece. (Bate na porta) Ei, alguém está me ouvindo? (Bate) Seu Raimundo. Oh, seu Raimundo. (Escuta) Velho surdo. (Bate) Seu Raimundo, oh, seu Raimundo? Seu Rai ... Ná, o besta nem veio hoje. (Bate na porta) Tadeu, Tadeu. (Tom) Esse é um lesma. Leva um ano para se mexer. (Se olha no espelho enquanto ajeita o cabelo) A cabrocha, o luar, o violão. Mas será possível? (Bate e chama) Ei, alguém está me ouvindo? (Tom) Não tem remédio, vai ter que ser a velha mesmo. Ô, diabo, logo ela. Vai ter assunto para o resto da vida. (Bate e chama) Dona Anita, dona Anita, por favor aqui no toailete dos homens. Dona Anita, está me ouvindo? É o doutor Raul. (Escuta) Mas onde se meteu essa gente, meu Deus. (Bate e berra) Dona Anita, seu Pedro, Tadeu. Alguém está me ouvindo? Trancou a porta. (Mere na porta). Por essas e outras que eu gostava de tramela de madeira. (Alto) Dona Anita, Tadeu, seu Pedro? (Tom) Cambada de vagabundos. Na hora de receber aumento todo mundo corre. Mas na hora da colaboração, é sempre assim. Não aparece ninguém. (Berra e bate) Ei, fiquei prêso aqui no lavatório. (Pausa escuta) Mas não é possível. Não se ouve nem mosca. (Torna a mexer na fechadura) É a mania de carregação. Tudo de segunda. Depois dá misso. (Sacode a porta) Vou terminar arrombando essa porcaria. (Bate) Ei, alguém está me ouvindo? Chamen o zelador. (Tom) Logo comigo que isso vai acontecer. Logo comigo. (Olha a janelinha) Vou ter que chamar alguém aí do lado. Não tem remédio. (Sobe cuidadosamente no vaso) Só faltava agora que essa porcaria quebrasse. (Experimenta o pêso com cuidado) Aguenta. (Tenta espiar pela basculante e não consegue ver nada) Não consigo ver nada nessa droga. Nada. Mas deve ter alguém aí do lado. (Berra) Vizinho, ei vizinho. (Pausa escuta. Berra) Alô há alguém aqui do lado? Responda. É uma emergência. (Tom) Emergência? Dá a impressão de que eu vou ter um filho. (Berra) Ei, alô, estão me ouvindo? Alguém está me ouvindo? (Tom) Que papelão, meu Deus, que papelão. (Berra) Ei, alô, ei. (Pausa. Desce) Deve ser repartição pública. Meio dia e já está todo mundo em casa. Por isso que êste país não vai para frente. (Se olha no espelho) Mas que porca situação (Olha a porta com raiva) Arrombo essa porta. Ponho essa porta abaixo e quero ver quem vai reclamar. (Da um pontapé) Nem se mexe, a desgraçada. Mas não é possível. Na televisão eles metem o pé e bumba, desaba até a pa-



rede. Aqui eu quebro o pé e ela nem se meze. (Examina a porta e passa a mão pelos cabelos) Ah, meu Deus, essa infeliz abre para dentro. Essa nem elefante arromba. Espere aí, se ela abre para dentro (Procura as dobradiças com o olhar) dobradiça do lado de dentro. (Exultante) E tem mesmo. (Examina) Mas que diabo de dobradiça é essa? Ah, meu Deus, é de encaixe. Entra assim (Encaixa uma mão na outra de cima para baixo) e conseqüentemente, sai assado (Inverte o gesto). Por tanto, tenho que levantar a porta até que a dobradiça saia do ... É isso. (Tenta segurar a porta) Ah, meu Deus, isso é como abraçar mulher gorda. Tenho que levantar pelo trinco. (Segura o trinco e tenta levantar com esforço) Tenho que ... (O trinco quebra em sua mão) Ah, essa não, essa não. Vai me quebrar logo agora. Logo agora que (Atira o trinco num canto) Porcaria vagabunda. Não há nada que preste nessa droga. (Bate na porta) É só o que se vê, irresponsabilidade por todos os lados. Porcaria. Ah, meu Deus, o que foi que eu fiz? Logo num sábado. Com tanto dia na semana para ficar prêso, vou escolher logo num sábado. (Berra e bate) Ei, estão me ouvindo? Quem estiver me ouvindo, faça a fineza, de chamar o zelador. (Tom) Fineza, uma ova. Não é fineza, é obrigação. (Espia pela janela) Tudo fechado. Até parece de propósito. Ah, maldita dor de barriga. Bem que minha mãe dizia: lugar de ter dor de barriga, descansado é em casa. Foi aquele assado cheio de pimenta da Carmela. Aquele monte de banha, sabe que eu não posso comer pimenta. Mas tem que pôr. Vivo com a barriga esculhambada. (Examina a porta) Mas o que será que deu nessa desgraçada? Tem um negócio escrito ... Made in United States. Ah, sim, qual era a dúvida? Não fazem nada que preste. Já fabricam tudo para quebrar. Nem duvido que aqueles abrobões gostem de ficar trancados em patente. (Mexe nos bolsos) Nem cortador de unha tenho. (Acha o pente) Pente? Não ... (Torna a pôr no bolso) Grande Porcaria. Ah, mas não me conformo. A Belinha esperando por mim e eu preso numa patente. É uma reverenda, uma reverenda ... Ah, mas ficar aqui dentro mais uma hora é que eu não fico. (Bate na fechadura e tenta abrir a porta) Não adianta. Com essa porcaria não arranjo nada. (Bate e chama) Ei, alguém está me ouvindo? Ei, alô? (Pausa) Preso numa patente. Se eu conto, ninguém me acredita. Só comigo que isso acontece. Só comigo. (Espia pela janela sem subir no tampo) Mas não é possível, tem de haver um infeliz perdido por aí. (Berra em direção da janela) Ei, alô? Ei. (Espia desconsolado) Tudo fechado. Até parece que todo mundo se combinou para sair mais cedo. (Olha o relógio) Também, mais de uma hora. Nesta altura todo mundo já foi para casa. Mas não é possível, pelo menos o ascensorista de plantão deve continuar trabalhando. (Escuta na porta) Nem elevador se ouve mais. Cafagestada. O regulamento diz: até as quatorze horas de sábado. Uma hora e não tem mais ascensorista. Mas cobrar condonínio eles sabem. (Bate na porta) Zelador, zelador (Tom) Seria muito engraçado se eu ficasse preso aqui até ... Não, não pode ser. Mais cedo ou



mais tarde, tem que aparecer alguém. E a Belinha esperando perfuma-
 dinha por mim. Ah, vida vida. (Mexe na fechadura) É o que dá importar
 essas drogas. Fechadura americana. Prejudicando a indústria nacional
 e ainda trancando gente inocente. (Senta no tampo) Era só o que me
 faltava: trancado numa patente. Ô, mundo, desgraçado! Quem sabe lá
 quanto tempo vou ficar preso aqui dentro. (Acende um cigarro) O que
 eu devia fazer era um escândalo daquele tamanho. O que eles estão pen-
 sando? (Levanta) Mas deve haver uma solução. Deve haver. (Levanta e
 olha a janela) O pessoal é capaz de pensar que eu estou brincando. Ho-
 je em dia ninguém leva mais nada a sério. O jeito é fazer escândalo
 mesmo. (Sobe no tampo. Olha para fora mas fica indeciso) Vai ser um
 papelão. Não tenho cara para isso. (Desce) Onde já se viu um bacharel
 se por aí a ... Faça. Faça e está acabado. (Sobe) Já mostro com quem
 eles estão lidando. Faça. Mas faço o quê? O quê? Tragédia. Uma daque-
 las. Vai ser horrível, mas eles que se danem. (Berra) Socorro, há um
 homem morrendo no lavatório do décimo quinto andar. Há um homem mor-
 rendo. Socorro. (Pausa e escuta) Cambada de cretinos! Morre um sujei-
 to e eles nem se mexem. Nem ao menos vêm à janela. Nem chamam a polí-
 cia. Polícia? Ah, meu Deus, porque não pensei nisso antes. (Berra) So-
 corro, polícia. Estão assaltando o décimo quinto andar. Polícia, so-
 corro. Polícia? (Pausa. Espia) Nada. Quando é para cassar carteira,
 eles aparecem. É só estacionar em fila dupla, que aparece uma dúzia.
 Mas na hora de prestar serviço de utilidade pública, nem sinal. Se eu
 sou um terrorista, boto uma bomba em cada janela e não me acontece na-
 da. Depois reclamam que estão ganhando mal. Não merecem nem a metade,
 Polícia. (Desce e torna a mexer na fechadura) Made in United States.
 Porcaria da grossa. Fechadura para índio debil mental. (Se olha no es-
 pelho) Já suei. Eh, droga! Mas também gritando desse jeito. (Olha o
 relógio) Mais uma hora e não aguento. Tem de haver um jeito. (Olha pa-
 ra a janela) Mas o que será que esses sacanas ligam na vida? Morte?
 Não. Roubo, não. Incêndio ...? Ah ahn, agora eles me pagam falou em
 fogo, vem todo mundo correndo. (Subindo no tampo) Aí vai um piromania-
 co tarado. Tiro todos os bombeiros da mesa. (Berra na janela) Socor-
 ro, incêndio. O décimo quinto andar está pegando fogo. Depressa, cha-
 mem os bombeiros. Há uma família presa no meio das chamas. Fogo, fo-
 go. (Decrescendo) Fogo. Fogo. Fogo. (Olha para os lados sem expres-
 são) Fogo. Mas são uns emperdernidos! Não ajudam nem criancinha mor-
 rendo queimada. Nem criancinha. (Desce) E ainda dizem que o Corpo de
 Bombeiros funciona. Funciona nada. Só chegam quando já queimou tudo.
 Aí eles chegam. Grande coisa, não tem mais nada. Até que eles vejam o
 fogo, já queimou tudo. (Estalo) Até que vejam? (Para) Será que ...?
 Não, não posso fazer uma coisa dessas. Vão dizer que fiquei maluco.
 Mas deixa estar que era uma idéia. Fecar um monte de ...? Não, não
 nosso. Me chamam de piromaniaco. Mas que diabo, o que eles querem que
 um sujeito faça depois de ficar preso numa patente? Toco fogo. (Desce)

CORTE

CORTE

CORTE



rola o papel higiênico e começa a fazer um monte perto da porta. Toco fogo, bem tocadinho. O que eles querem? Toco mesmo. Queimo essa porta de alto a baixo. Que vão para o diabo que os carregue, (Olha a porta com rancor) É, sua porcaria, é agora que você me paga. Você agora vai aprender a não trancar mais ninguém. (Pega o isqueiro, mas se detém) É melhor ver como está a madeira. Talvez o papel não chegue. Madeira custa a queimar. Faz uma fumaceira e ainda morro asfiziado. Era só o que faltava. É melhor ver como está essa porta. (Raspa com a unha e espia incrédulo) Não pode ser. (Raspa mais acima) Não pode ser. (Apanha a chave e sobe raspando pela porta) Não pode ser. Não pode ser. Ferro. Porta de Ferro. Porta de Ferro. (Se encosta na porta apoiando a cabeça e esmurra desesperado) Ferro, ferro, ferro. Mas o que esses desgraçados queriam com porta de ferro em patente? O que, meu Deus? Guardar o quê, aqui dentro, o quê? (Ruído distante de entrechocar de baldes) O que foi isso, meu Deus? (Fica à escuta e o ruído se repete) Os bombeiros. (Cola o ouvido na porta. Os baldes tornam a soar) A faxina. Graças a Deus, a turpa da faxina. (Bate e berra) Ei, turma da faxina, ei ... turma da ... (Tom) Não é preciso gritar. (ouve-se o ruído) Eles já vêm subindo. Gritando ou não gritando, eles chegam aqui em cima. Se faço um escândalo, ainda vão rir na minha cara. Essa gentinha é assim mesmo. Dá um dente para os que estão por cima. O negócio é ter calma e manter a posição. (Esmurra a porta de leve) Maldita patente. Garanto que já usaram porta de ferro por safadeza. (Olha o relógio) Quase uma e meia. Quando foi que entrei aqui? Meia hora? Nem isso. Ah, vida. (Senta no tampo) Culpa do besta do Juvenal que ficou me enrolando com aquela petição. Eu me torcendo de dor de barriga e ele me enrolando. Tivesse mandado aquele palerma para o inferno teria entrado aqui calmamente, feito o que tinha para fazer tranquilamente e saído sem problema. Fui bancar o compreensivo e fiquei trancado. Sempre levando na cabeça por fazer o bem. Maldito assado. A panonha da Carmela me paga. Da próxima vez joga tudo pela janela. (Levanta e vai para o espelho) Que cara miserável! O que um trinquinho de nada pode fazer na vida de um homem. Que experiência desgraçada. Nunca mais fecho porta de patente na minha vida. Mas essa - essa - eles me pagam. Processo a imobiliária. Abalo de crédito. Sim, senhor, abalo de crédito. Desmoralização profissional. Quem é que vai querer como advogado um sujeito que passou uma hora trancado numa patente? Ninguém. Abalo de crédito super caracterizado. Peço logo cem milhões. Eles vão aprender. Digo ainda que tinha um negócio muito importante para atender. Perdi vinte milhões porque fiquei preso. Eles vão sentir o peso da lei. Cem milhões. Nem um tostão menos. Acordo só na base dos setenta milhões. E assim mesmo para pagamento em trinta dias. Vão aprender a por porta de ferro em patente. (Femsa) Patente é que é o problema. Patente. iam rir na minha cara. Ganho a questão e



me desmoralizo. Sim, porque essa gente é assim mesmo. É só dar um pretexto e eles já aproveitam. (Imita) Dr. Raul? Não foi o senhor que ficou preso numa patente? (Tom) Me gozavam. Dito e feito. Ainda me apontavam na rua e me gozavam. Gente infame. Que gente, infame! Um acidente que pode acontecer a qualquer um. A qualquer um. Mas não, eles tem que humilhar. Ah, meu Deus, que porca situação. (Acorda um cigarro) Só comigo que isso acontece. Me estragou o fim de semana, (Se olha no espelho) Fiquei com cara de calça furada. Diabo de mundo! Um sujeito está muito bem na sua vidinha, quando acontece uma coisa dessas e pronto, lá se vai tudo por águas abaixo. Nem vou mais na Belinha. Depois dessa não consigo nem beijar a pilantra, quanto mais ... Ah, camalhas, me tiraram até o gosto pela vida. (Olha no relógio) Mas esses filhos da mãe vêm ou não vêm? Levam a vida inteira para limpar um sanitário. Falando nisso, o que é que eu vou dizer para a faxineira? Fiquei preso na patente? Não, não vou dar essas confianças para uma faxineira. Perco o respeito na hora. Ela abre a porta e eu saio. (Senta no tampo) Nem dou explicação. Faço de conta que nem sabia que a porta estava fechada. Duvida muito ainda olbo com cara feia e digo: Quem foi que mandou abrir a porta? Estão pensando o quê? Que vou me rebaixar e pedir que abram a porta por favor? Não estão fazendo nem um favor. É obrigação. Porta de patente tem que abrir. Uma hora preso, sofrendo toda sorte de humilhações e eles pensam que vou sair daqui todo lépido e fagueiro? Não, senhor. (Olha o relógio) Mas onde diabo se meteu essa gente? Será que eles ... Era só o que me faltava.

VOZ 2 (Voz de preto. Distante) - Maria.

RAUL - Ah, infeliz, me tirou um peso da consciência (Torna a escutar) Imagina se eu fico aqui ... Nem gosto de pensar.

VOZ 2 (Distante) - Maria, vem cá.

RAUL (Trauteia) - Maria vem cá, não vou lá não. Estou vendo Dete-fon na tua mão. Coitada, vai ver que anda mal de vida. Deve ser até a malfabeta. Numa profissão dessas ... Bah, eu morria de fome mas não limpava patente. Nem de rei. Morria de fome. Dou uma gorjeta para a infeliz. Cinco mil. Não, cinco mil é muito. Não se pode estragar essa gente. Dinheiro demais, tira a pureza natural. Mil chega. Nunca dei nada, dou mil e chega. Cinco mil ela iria desconfiar que havia alguma coisa errada e terminava descobrindo que eu estava preso. Mil chega. Ninguém dá nada, eu dou mil. Ainda fico bem. Esse pessoal se contenta com pouco. Afinal é a intenção o que vale. (Assobia satisfeito e olha em volta) Esse negócio está uma escuihambação, daquele tamanho. Papel em tudo que é canto. Vão pensar que eu andei ... (Faz menção de se abaixar e muda de idéia) Não junto. É obrigação deles. Podem pensar o que quiserem. (Olha para o trinco) E o trinco? Ah, que fique aí. Que venham me cobrar um trinco novo para ver o que é que eu faço. (Olha o relógio) Talvez a Belinha ainda esteja me esperando. Maldito assado. A Carmela me paga.

quer um. É, Deus só tira de quem tem. Mas patente foi humilhante. Humilhante. Pior que isso. Foi grotesco. Grotresco. Ah, meu Deus (Tradução) Maria, o teu nome principia ...

VOZ 3 (Preta distante) - Negro, que horas são?

RAUL (Olha o relógio) - Uma e meia, minha filha. Tem mil pratas aqui esperando por você. (Olha o relógio) E com um brinde especial, chegou dentro de cinco minutos tem mais mil. (Canta no grave) Maria. (Tom) Será que não era melhor eu ... Bobagem, quem já aguentou até aqui, pode muito bem aguentar aguentar um pouquinho mais. Mas como demoram! Passo de lesma. Perdem um tempo medonho. Por isso que não são nada na vida. Bota um imigrante aí e já tinha limpado o edifício todo e estava vendendo bilhete na esquina. Mas brasileiro é isso. Mentalidade de funcionário público. Dá uma limpaçinha, bate um papinho, toma um cafezinho, outra limpaçinha. O que esse pessoal precisa é passar mal. Aí aprende. Dá valor.

CORTE

VOZ 2 (Mais próxima) - Eu não espero.

VOZ 3 - A gente chega em tempo.

RAUL - Mas o que é isso.

VOZ 2 - Já passa de uma e meia.

VOZ 3 - O onibus sei às duas.

RAUL - Mas que onibus?

VOZ 2 - Eu não espero.

VOZ 3 - Mas o que é que eu faço?

VOZ 2 - Manda o sanitário pro inferno.

RAUL - Como manda o sanitário para o inferno?

VOZ 3 (Chama) - Negro.

VOZ 2 (Mais distante) - Eu já disse que não espero.

RAUL - Mas o que é isso? O que é isso?

VOZ 3 - Mas e o quinze?

RAUL (Chama alto sem gritar) - Maria!

VOZ 3 - O que é que eu faço com o quinze?

VOZ 2 - Quer saber de uma coisa? Pega o quinze e ...

RAUL (Berra) - Maria, Maria. Venha cá. Maria. (Bate na porta) Não me deixe aqui. Maria. (Corre para a janela) Maria, socorro. Fiquei preso no lavatório. Socorro, Maria. (Volta para a porta) Maria. Venha cá. Dou cinco mil. Maria, abre essa porta. Dou cinquenta mil (Pano começa a fechar. Corre para a janela) Socorro, Maria. (Corre para a porta e bate) Maria. Maria. Socorro. Maria.

FECHA

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

SEGUNDO ATO



RAUL (Sentado no tampo fuma vagarosamente. Olha o relógio) Sete horas. Sete horas! Há seis horas que eu estou preso nesta droga. Seis horas, meu Deus. Ó, vida. (Joga o cigarro no chão e espaga) Mas tem de haver um jeito, tem de haver. Eu não sou o primeiro. O que eu não posso é perder a cabeça. (Toca na garganta) Com tanto grito o que eu vou terminar perdendo é a voz. Seis horas de gritaria e continuo aqui dentro. Ah, meu Deus. (Levanta e vai até o espelho) E agora, doutor? Grande bosta: doutor. Tiro cinco anos de primário, quatro de ginásio, tres de colégio, cinco de faculdade. Estudo dezessete anos e quando termino, não sei como sair de uma patente trancada. (Sai do espelho).

Esse é o mal do ensino no Brasil. Ensina tudo, menos as coisas essenciais da vida. Dezessete anos para conseguir um diploma e quando a gente sai, só tem vento dentro. E quando quer se livrar do vento, bumbá, fica trancado. Os analfabetos estão lá fora. Livres, soltos. O senhor, doutor, está trancado aqui dentro. Ah, meu Deus. Eu preciso ter calma. Calma. Calma. Afinal não sou o primeiro. Milhares de outros já ficaram trancados. Milhares (Pausa) Como será que os filhos da mãe conseguiram sair? Como? (Caminha de um lado para outro). Preciso pensar, pensar. Grandes problemas, exigem grandes soluções. Grandes soluções. Gritar já ficou provado que não adianta. O edifício está vazio. Portanto é preciso chamar a atenção de outro modo. (Pára) Código Morse. Dá-da-di da-dá na parede? Bobagem, eu não sei código Morse. (Recomeça a caminhada) Depois mesmo que soubesse, do outro lado não existe nem uma agência dos Correios e Telégrafos. Ah, meu Deus, estou ficando cada vez mais burro. Tenho que pensar. Pensar. Pensar em tudo. Até em asneiras. Numa dessas descubro uma saída. Descubro um meio de sair de uma patente trancada que homem algum jamais sonhou. Homem algum. Vem daí as grandes idéias: do imprevisto. Uma idéia e bumba, estou solto. (Para) Não, assim não adianta. Nada de divagações. Preciso sistematizar o pensamento. Pensar cientificamente. Como se tivesse que resolver um crime. Quem, onde e quando. Quem? Eu. Onde? Numa patente. Quando? Numa noite de sábado. Conclusão científica: eu estou numa patente numa noite de sábado. Genial, mais uma dessas e eu saio daqui andando de quatro. Ah, meu Deus. E dizer que apenas alguns metros me separam da rua. (Estalo) Ah ahn ... Aí está. Apenas alguns metros me separam da rua. Eu estou aqui e a rua está lá embaixo. (Aponta) Não, desse lado não tem rua. A rua fica ... (Gira) ... lá. Portanto, se eu neste ... Não, não. Eu estou me esquecendo de um detalhe muito importante. O edifício é um u. Um u. Eu estou numa perna do u. A outra perna é a outra perna do u. A base do u fica aqui e a boca do u, fica lá. Fica justamente virada para a rua. Portanto, tudo o que eu preciso, é atingir a boca do u. A boca do u. (Sobe no tampo e espia)

CORRIE



A boca do u. Ô, diabo, como fica longe. (Reflexivo) A esta hora a rua está cheia de gente, porque daqui a pouco começa a primeira sessão do cinema. As vitrines estão iluminadas. O pessoal vem e pára. Espia uma vitrine, espia outra. Se eu conseguisse ... (Descobre o rolo) Uma mensagem (Desce) Sou uma besta. Tudo o que eu preciso é atirar uma mensagem. O sujeito vem passando, o papelsinho cai, ele olha para cima, não vê ninguém, fica curioso, se abaixa, apanha o papelsinho, abre, lê e eu estou salvo. (Tira papel) O problema agora é só escrever a mensagem. (Tira a caneta do bolso. Pensa) Socorro? Não, vão pensar que é brincadeira. Socorro, não. Atenção? Ná, ná. É preciso uma palavra mais forte. Socorro, atenção, urgente. Não-jogue-fora. Isso mesmo. (Escreve) Não jogue fora. O sujeito apanha, lê não jogue fora e não joga. Não jogue fora. Trata-se ... trata-se de uma questão de vida ou morte. No décimo quinto andar do edifício São Pedro, existe um homem trancado numa patente. (Pára) Patente, ele ri. Risco patente. Ponho o que? Lavatório? Todo mundo sabe que é a mesma coisa. Gabinete é mais importante e dá um ar de mistério. (Escreve) Trancado num gabinete. A visemvisem imediatamente o zelador. (Pára) Assino ou não assino. (Levanta e torna a baizar) Ah, meu Deus, onde já se viu pedido de socorro anônimo. Ponho um pseudônimo. Antônio. Antônio Soares. Feito. (Dobra com cuidado) Agora é só atirar pela janela e pronto. Liberdade abre as asas sobre nós. (Sobe no tampo) Será que chega? Tem uma sacadinha, uma saliência e mais nada. Com jeito chega. (Atira e espia) Lá vai ele, abriu a sacada! Mas não é possível, não é possível. A quinze metros de distancia eu acerto num palmo de sacada. Nem cappeão de baquete. Vou ter que fazer outro. (Desce) Não, um não chega. O negócio é fazer logo uma dúzia. (Puxa uma tira de papel que irá preenchendo e cortando em pedaços). Socorro. Estou preso no décimo quinto andar do edifício São Pedro. Ah, muito melhor. Estou preso já diz que estou preso. Assinado: Antônio Soares. Quem sabe faço um dramático? Dramático. (Escreve) Socorro, estou preso no décimo quinto andar do edifício São Pedro e tive um ... (Para) Tive o que? Enfarte. Está na moda. (Escreve) E tive um enfarte. (Tom) Falta um toque humano. (Escreve) Chame um médico depressa. Antônio Soares. (Pesa outro) Chega de enfarte. Agora, acidente. (Escreve) Quebrei a perna e não posso me mover. (Engrola) Antônio Soares. (Apanha outro) Assalto. Também está na moda. (Escreve) Socorro, fui assaltado no décimo quinto ... (Engrola). Antônio Soares. (Apanha outro) Tenho uma bala no pulmão. (Ri) Bala no pulmão, tétrico. (Engrola) Antônio Soares. Pronto, chega. É desgraça que não acaba mais. Vai ser uma correria para salvar o Antônio Soares. Dentro de meia hora tem mais de cem arrombando a porta. (Recolho tudo) Bem feito. Eles vão ver com quem estão lidando. (Sobe no tampo) Agora é só atirar. (Atira) Vai ser uma chuva de papel higiênico no meio da rua. Vão ver o que é bom. (Espia) Mas a sacadinha desgraçada. Me trancou mais um. Mas não faz mal. O resto está indo direitinho pa-



ra o meio da rua. (Abre os braços) Doutor Raul, o senhor está salvo. (Desce) Agora é só ter paciência e esperar. Numa dessas, o ilustre ca sal salvador aparece. Lá vem ele. A esposa, uma gorda inconsciente fez um jantar apimentado. O cavalheiro já começa a sentir os primeiros efeitos. Ela, vem alegre e feliz, sacolejando o úbere. Nem liga a dor de barriga do marido, que começa a suar. A gorda é sádica, perversa. Ainda para numa vitrine. O cavalheiro está dobrado em dois. Olha para um lado, olha para outro. O que é aquilo ali no chão? Que interessante, um papel ... (Agoniado) Um papel higiênico! Forçaria das porcarias, ninguém apanha papel higiênico do meio da rua. Ninguém. Mesmo que precise dele com urgência. A não ser ... (Iluminado) A não ser que seja uma tripa inteira de papel higiênico voando pelo céu. (Apanha rápido uma tira enorme) Aleluia, doutor Raul, aleluia. Uma tripa de papel higiênico voando pelo céu, caindo sobre a rua como se fosse uma enorme serpentina amarela. Meu Deus, isso até parece poesia (Cantarola enquanto prepara a tripa) Tanto riso, oh, tanta alegria. Coorro, homem agonizando no décimo quinto andar. Mais de mil palhaços no salão. Chamen um médico depressa. Tanto riso, oh tanta alegria. Coabiça, doutor, não esqueça da cobiça. Ganhe cinco mil cruzeiros ... Não cinco mil é pouco. Ganhe cem mil cruzeiros. Essa gente só pensa em recompensa. Mercenários, mercenários. Mais de mil palhaços no salão. Leve isso ao zelador do edifício e ganhe cem mil cruzeiros. Assinado: Antônio Silva (Cai em si) Silva? Não era Silva, era Soares. Bobagem dá na mesma. Mas se o mesmo sujeito pega um papelzinho do Soares e a tripa do Silva? Vai pensar que são dois. Melhor ainda. Que Salve o Silva e o Soares. (Escreve) Vou beijar-te agora, não me leve a mal, hoje é carnaval. (Examina) Perfeita. Só um cego não vai ver. (Enrola com cuidado) E agora, vamos ao lançamento da tripinha. Apolo primeira. (Uma ação e palavra) Fogos a tripinha do lado de fora. Assim. E vamos começar a cortagem regressiva. Nove, oito, sete, seis, cinco, quatro, tres, dois, um ... zero! (Acompanha) Isso, tripinha. Vai pelo espaço. Vai pelo espaço. Vai ... (Agoniado) Não, minha filha. Não, não, não. Por aí não. Por aí não. Por aí não. (Esmurra a parede) Bosta, bosta, bosta, bosta. Bosta de vento, bosta de papel, bosta de vida. Vida de bosta. Berro de novo. (Berra) Ei, alguém está me ouvindo? Fiquei preso no décimo quinto. Socorro, boa gente. (Tom) Boa gente. Bosta de gente. Não há um só infeliz que passe por essa rua e se lembre de olhar para cima e perguntar porque só está janelas está iluminada. Posso morrer me esgoelando que ninguém vai levantar uma palha. (Desce) Era apenas mais um que morria. Não faria a menor diferença. Toda hora está morrendo gente. Eles nem se incomodam. Continuam cantando. Indo ao seu cineminha. Vão, vão, seus assassinos. Vocês me pagam. Meu dia chega. Vocês vão ver quem vai sair daqui. Vocês vão ver. Raul, o besta, está morto. Morto, trancado, senultado. Quem vai sair daqui é Raul, o duro; Raul o sem piedade; Raul, o coração de pedra. Daqui por

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



diante há de ser olho por olho, dente por dente, patente por patente. Vocês vão ver. (Imita) Doutor estou mal de vida e queria que o senhor me ajudasse. Ah, quer ajuda? Não me conte. (Duro) Onde é que você estava quando eu passei o dia trancado numa patente. Vamos responde. Onde você estava, Vão ver. Me pasan. Tolos eles. A começar por aqueles dois da fazina. Vão ver com quem estão tratando. Largam o serviço na metade. Vão pra rua. Os dois. Sem indenização. Vão aprender a fazer festinha enquanto eu fico trancado. A gente passa a vida toda imaginando que vai ficar trancado num elevador com uma loira, e termina assim: trancado numa patente e ainda por cima, sózinho. Só para cair de cara na lama. Ah, essa eu guarço aqui no fundo. Entre eu e mais ninguém. E vou me cobrar. Ah, vou. Começando por aquela patonha da Carmela. Vai aprender a fazer assado com pimenta. (Levanta) Vá, saia da minha vida. Pegue o seu dinheiro e meta onde quiser. Lugar é que não falta. Pedaco de banha. Nunca foi mulher que me servisse. Sempre comendo como uma porca. (Imita) Nham, nham, nham. Vontade de dar um murro naquela cara gorda. Se lembrou de telefonar para o escritório? Não, não se lembrou. Só se lembrou de comer chocolate. Disso ela se lembra. Dabona. Vai ver viagem à Europa. Quer viajar? Se tranque e a pite. (Ri) Muito boa, aquela vaca gorda trancada aqui. Aporto que já tinha se borrado. Nunca teve tutano para nada. Era meia hora aqui e largava o chocolate todo. Porcalhona. E dizer que essa infeliz entra e sai quando quer. Ah, mundo criminoso, mundo criminoso. (Tira o casaco) Vão ver o que eu faço. Seis horas preso e ninguém-ninguém - se lembrou de persuntar o que tinha havido. (Se olha no espelho) É, sua besta, ninguém deu pela tua falta. Pode passar o resto da vida aqui dentro. Quem? Amigos? Ora, não me faça rir. Que amigos, sua besta trancada. Você nunca teve amigos. Há dez anos que só tem sócios. Sócio de escritório, sócio de investimento, sócio de uísque, sócio de jantar, sócio de mulher. Vá perguntar se alguém quiz saber aonde você estava. Vá, vá perguntar. Você é um grande besta. Isso é o que você é. Ninguém está sozinho. Mas não ken? Cambada. Desde quando uruby foi companhia. (Centa) Cambada. Não escava um. Fosse naquele tempo ... Ah, meu Deus (Rememorativo) Quando me perdi naquele barco, não ficou ninguém em casa. Aquilo sim, foi duro. Gente boa aquela. Meia hora de atraso e saiu todo mundo atrás de mim. E como chovia. Hoje ... Fosse naquele tempo e já tinham poço a porta abaixo. Há muito tempo. Minha velha ia ficar doída da vida. Quinze minutos de atraso e ela já saia como louca. Hoje, nem telefone. Nem telefone. E isso que eu avisei a Belizha: se eu não aparecer até a uma, telefone para o escritório. Cã dela. Faguei cinco milhões por aquele telefone. Cinco. Cadela. (Vai para o espelho) Nem duvido que eu seja ... Eh, que é isso? Vacabunda não enfeitada a cabeça de ninguém (Fassa a mão pelo cabelo) Tinha de haver um jeito, tinha de haver um jeito. (Olha a janela) O que é aqui-



lo? Parece ... (Se abaixa) É luz. (Sobe no tampo) Uma janela ilumina da. Uma janela ... Que andar é aquele, meu Deus? Décimo sexto, sétimo, décimo oitavo. Graças a Deus. (Berra) Ei, ei. Vocês aí no décimo oitavo! Ei (Espia) Tem que me ouvir. (Berra) Ei, estão me ouvindo? Aqui em baixo. Embaixo. Na janelinha iluminada. Aqui.

VOZ 4 (Longe) - Ei.

RAUL - Aqui, veja.

VOZ 4 - Onde?

RAUL - Aqui, na janelinha, Isso. Está me vendo agora?

VOZ 4 - O vidro não deiza.

RAUL (Enfia a mão) - Olhe, veja. A mão. Está vendo. A mão.

VOZ 4 - Que foi.

RAUL - Um acidente. Aconteceu um acidente.

VOZ 4 - Acidente?

RAUL (Tom) - É agora, o vexame. (Berra) Fiquei trancado no lavatório.

VOZ 4 - Ficou preso, onde?

RAUL - No lavatório.

VOZ 4 - Ficou preso na patente, velhinho?

RAUL (Tom) - Ri, filho da mãe, ri. O teu dia chegará. (Berra) Escuta, preciso de ajuda. Está me ouvindo? Fiquei preso.

VOZ 4 - Faz o seguinte.

RAUL - Fala.

VOZ 4 - Puza a água.

RAUL (Esmurra a parede) - Ah, infeliz desgraçado. (Berra) Escuta, não é brincadeira. É sério.

VOZ 4 - Tchau, porcalhão.

RAUL - Espera aí. Não vá embora. Não vá ... Vagabundo, canalha, cafageste. Desce aqui que eu te quebro a cara. Vagabundo. Te quebro a cara. Te quebro a cara, cafageste. (Baixando) Vai embora, vai, vagabundo. Segunda feira te quebro a cara. Hoje você escapou, mas segunda te quebro a cara. Te ensino a puxar água. Cafageste (Furioso ainda, desce) Te ensino, segunda feira. Vagabundo, cafageste. Vai aprender. Cachorro. Garanto que até ladrão é. (Se volta e berra) Ladrão. (Tom) Ladrão. Vai ver segunda feira. Subo lá e te quebro a cara. Bem feito, para a minha cara. Bem feito. Pedir ajuda para cafageste. Bem feito. (Vai para o espelho) Toma, seu idiota, engole mais essa. Aprende a pedir ajuda. Aprende. Ninguém quer ajudar. Ninguém. Você pede de besta, De besta (Sai) Já devia ter me convencido. Já devia. Mas agora chega. Chega. Nunca mais. Nunca mais. Morro sentado nesse maldito vaso e não peço mais ajuda. Mostro a essa cambada. Montes de lixo. Foi falar em patente e o vagabundo ... Fosse elevador, estava todo mundo correndo. Mas não é elevador, é patente. Ninguém corre para tirar ninguém da patente. Cambada! Como se só eu precisasse de patente na vida. Mas é assim mesmo. Da cintura para baixo, tudo é indecente. É por onde o ho-

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

mem nasce. Devia ser sagrado. Mas é indecente. Na cintura acaba a tureza. Dali para baixo, não tem mais nada natural. É como papel higiênico. Fosse pergaminho, todo mundo recolhe. Mas é papel higiênico. Ninguém recolhe. Todo mundo passa como se jamais tivesse visto um só rolo de papel higiênico na vida. Hipócritas. Túmulos caídos, como dizia o outro. Deviam andar com um rolo de papel higiênico debaixo do braço para aprender a ter sinceridade na vida. O que eles pensam que tem nas tripas? Bastão de desodorante? (Se olha no espelho) Mas não, doutor Raul, não reclame. O senhor não sabia? Só o senhor extra numa patente por necessidade. O resto vem aqui, só para lavar as mãos. Traça-paceiros, (Senta no tampo) Mas deixa estar que essa lição eu não vou esquecer. Ah, não vou. Vivo mil anos e não esqueço. Daqui por diante quando me entrar um miserável no escritório, eu já começo perguntando: "O que você vai fazer numa patente?" É, patente. Ou acha que o bunitinho é chamar de toalete? Ou prefere que eu chame de banheiro? Ou quem sabe quer que eu chame de W.C.? W.C. Nem nome nacional essa droga tem. Water Closet. Riquinho. Porque não chamam logo do recanto primavera? Mas não chamam. É preciso encher o mundo de mentiras. A começar por aqui. É aqui, onde um homem fica sozinho com as suas tripas, que começa a mentira. E começa quando se fecha essa maldita porta. Essa é a maior das mentiras. Porta para quê? Ninguém tem vergonha de comer. Não existe quarto para tomar cafézinho. Mas é preciso porta. É preciso porque assim eles podem sair daqui com um ar muito digno e dizer que foram lavar as mãos. Cambada. Segunda feira vou reunir o pessoal do escritório e perguntar a um por um: "O que é que você vai fazer na patente?" Respondeu, lavar as mãos, está na rua. (Levanta) Ah, mas isso vai mudar. Daqui por diante isso vai mudar. E quem vai começar mudando, sou eu. Doutor Raul, grande droga. Nunca gostei dessa porcaria de profissão. O que eu queria ser era ... Nem sei mais o que eu queria ser. (Acende um cigarro) Bem que no fundo eu mereço tudo isso. Merecia ser condenado a dez anos de patente. Dez anos, sentadinho aqui dentro de calça arriada. Aí, doutorzinho, nós dois saberíamos aonde iria parar a sua dignidade. Esse é o problema: dignidade. Eu mostro a eles. A começar pelo meu sogro. Vou lá e conto: fiquei preso numa patente durante dois dias. Ele riu, eu meto a mão na cara dele. Meto a mão na cara dele. Cafagoste. Todo mundo sabe como foi que ele fez dinheiro. E ainda vem me pregar lição de moral. Quebro a cara dele. Já devia ter quebrado. Há muito tempo. No primeiro dia em que ele me falou de moral, eu já devia ter quebrado. Por uma questão de dignidade. Quando um homem permite que um canalha fale em moral, seu filho dar um murro na cara, perde a dignidade. Foi onde eu perdi a minha. Devia ter dado um murro na cara dele, (Telefone bate) Onde é isso? (Ouve) Lá embaixo. E eu penso que ... Não, meu filho, não se iluda. Não podia ser no escritório. Você sabe muito bem como a Carmela é. Chamou duas vezes, ninguém atendeu, ela desliga. (Para o telefone) Cam-





sou. É sempre assim. Hoje em dia se cansa depressa. Hoje em dia bateu tem que atender. (Telefone de novo) Ah, vai insistir. Fobre cotado, nem sabe em que mundo vive. Não adianta, meu filho. Não perca tempo. Ninguém vai atender. Ninguém (Telefone pára). Decistiu. Mais um que se desilude. É, a gente leva tempo para aprender. Leva tempo. Mas eu aprendi. Ainda bem que aprendi. Fico aqui até segunda. Água é que não falta. Comida não tem, mas o jejum vai fazer bem. Ninguém morreu até hoje por passar dois dias sem comer. Vai faltar cigarro, mas isso até que é bom, porque dá uma folga ao pulmão. Mas segunda feira, eles me pagam. O primeiro, vai ser aquele cafegeste lá de cima. Fuza a água. Segunda feira, saio daqui, subo até o décimo oitavo, enfiço a cara dele no vaso e aperto a descarga. Vai aprender. Fuze a água. É, a vida é um combate, como dizia o versinho aquele do primário. A vida é um combate. A gente lia de alma pura e não compreendia nada. Mas era a verdade brutal. A vida é um combate. Tinha razão o sujeito que escrevev isso. Na certa também ficou trancado uma vez. A vida é um combate. E isso era bem velho que eu me lembro - A vida é um combate. Para ver como esse mundo não valia nada há muito tempo. A vida é um combate. (Levanta) Como era mesmo o resto do versinho? Ora, meu Deus... A vida é um combate ... Espera aí. (Descobrimo o fio) A vida é um combate ... que os fracos abate. Isso mesmo. Que os fracos abate. Barbarridade, como isso é profundo. A vida é um combate que os fracos abate, que os bravos ... Que os bravos o quê? Ou não tinha bravos? Tinha. Eu me lembro que tinha. A vida é um combate que os fracos abate, que os bravos e os fortes ... Ah, olha o reforço, os fortes, que os bravos e os fortes só pode exaltar. Eu sabia que tinha bravos. Eu sabia. Ah, memória, seu. Há quanto tempo que eu não lia isso? Vinte ... vinte e cinco? Mais. Quase trinta anos. A vida pe um combate. Dona Ismênia... Era ela quem recitava isso. A vida é um combate. Como era o nome disso? Canção do Chavante? Não, chavante nem existia naquele tempo. Devia ser canção do tupi ou do guarani. Quase trinta anos. Mas lembro que ela gostava disso. A vida é um combate. Sou bravo, sou forte, sou filho do ... Há, que filho do norte, esse era outro. De quem era isso? A vida é um combate? Castro Alves? Não, do Castro Alves era aquela história dos mares de Colombo. Casemiro de Abreu? Não, não. Esse tinha mania de borboleta e passarinho. (Triunfante) Gonçalves Dias. Gonçalves Dias. Eh, memória, seu. Trinta anos e (Bate na cabeça) tudo fresquinho aqui dentro. Sim, senhor, o velho Gonçalves Dias. A vida é um combate. Filosofia dura. Dura! Dura, mas certa. A vida é um combate. Eles vão ver que combate! Como era o princípio disso? Tinha um princípio. Como era, meu Deus? A vida é um ... Ah, sim senhor. (Entusiasmado) Não chores, meu filho, não chores que a vida é a luta renhida. Viver é lutar. A verdade estava ali na minha cara e eu não tinha olhos para ver. A vida é luta renhida, viver é lutar. Luta limpa, moço. Luta limpa. Nada de bomba atômica e outras porcarias para covarde



apertar botão. Luta limpa. Negócio de índio enfrentando onça, de um arco) Eum, plefête. A flecha cravava no peito do bicho. homem. Ah, homem. Homem, essa é a diferença. Homem. Índio, doutor, índio não tinha patente. Não, não tinha. Índio se acocava no chão e pronto. Feito o serviço. Na frente de todo mundo. Se acocava ali, Nem porta, nem nada. Fazia ali. Cocô bom, cocô honesto, cocô decente. Nem chame aquilo de outra coisa, porque não era. Era cocô. Furo, insênuo, espontâneo. Gente boa, índio. Gente boa. Se acocava no chão, com a inocência de uma criança e estava terminado. Ninguém achava ruim, ninguém achava espreçado, ninguém achava ridículo. Ali, com a leveza de um passarinho. Nem papel higiênico havia. Era folha. Pelo amor de Deus, sente a pureza: folha. Folha das folhas folhadas. Tudo ali à mão. A mãe natureza. A velha mãe natureza, pondo tudo ali à mão. Folha, capim, água. Tudo ali. Olhe agora. (Gesto amplo de nojo) Azulejo, ladrilho, papel higiênico, porta de ferro. Porta de ferro. E, porta de ferro. Essa é a diferença. Antes a candura, a inocência, a pureza. Hoje, porta de ferro. E com a porta de ferro, não existe mais cocô. O que existe é a reverência. Mas nunca é tarde, doutor Raul, nunca é tarde. A mensagem chegou através dos tempos e foi ouvida. Vai haver a volta à natureza. Sim, senhor, a volta à velha e boa mãe natureza. (Flexiona os músculos) Isso. Tem que enfiar esses músculos. Tem que tirar essa barriga gorda. Exercício. Vida ao ar livre. Oxigênio. Natureza Homem. Homem, doutor Raul, homem. Arco entesado, cabeça erigida, olhar penetrante. (Assume a posição) Não chores, meu filho, não chores que a vida é luta renhida, viver é lutar. (Pano começa a fechar) A vida é um combate, que os fracos abate, que os bravos e os fortes só pode exaltar.

FECHA

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

TERCEIRO ATO



RAUL (Sentado no assento usa o tampo como encosto. Casaco os ombros, colarinho aberto sem gravata, cantarola sem entusiasmo).
- Quem acha, vive se perdendo. Por isso é que eu vou me defendendo da dor tão cruel desta saudade, que por infelicidade, meu pobre peito invade. (Olha o relógio) Uma hora da madrugada! Uma hora da madrugada! Doze horas aqui dentro. Doze. E ainda tenho que aguentar mais trinta. (Tenta levantar mas uma das pernas fraqueja) Maldita perna. Começou a formigar de novo. Cinco mil anos de civilização e ainda não conseguiram inventar um assento que evite formigamento. Não sei como tem gente que consegue ficar uma hora sentado. De dez em dez minutos fico a-leijado de uma perna. (Faz massagens) Desse jeito não vou conseguir dormir. O melhor é sentar no chão em cima do casaco. (Faz menção de tirar mas muda de idéia) Não. Aí eu fico gelado e apanho uma gripe, (levanta fungando) Se é que já não apanhei. (Pigarro) Não. A garganta me dói é de tanto gritar. (Se olha no espelho) Mas se isso é cara! Olha só o meu estado. Doze horas de patente e não sobra mais ninguém. Vou sair daqui em petição de miséria. (Se examina) Estou ficando acabado. Acabado. Raio de vida. (Baixa o tampo e senta em cima) O pior, doutor, é não ter o que fazer. Depois dos quinze anos, não há mais vantagem em ficar trancado em patente. (Olha as paredes) Noventa e nove azulejos de um lado e noventa e nove do outro. Oitenta e cinco azulejos atrás e quarenta e dois na frente. Fiquei catedrático em patente. (Suspira) Ah, meu Deus. Essa mania de pressa é que me estragou. Nem jornal eu trouxe. Devia ter um baralho aqui dentro. (Tira o maço de cigarros do bolso e espia) E ainda vou ficar sem cigarro. Vou aguentar mais uma hora. (Faz menção de guardar o maço e desiste) Mas também que droga de diferença faz. De todo jeito vou ficar sem. (Fuma) O pior é que começou a me dar fome. O que faltava agora era um bom bife. Um bom bife mal passado com fritas. Depois um cafezinho ... Mas é mesmo, vender cigarro em patente era um bom negócio. Dava até uma desculpa para o pessoal envergonhado. Vou ali comprar cigarro. Muito melhor do que lavar a mão e passar uma água no cabelo. Botava uma geringonça automática daquelas na parede e pronto. O sujeito enfiava uma fichinha e plique, saía o cigarro. Quantos sanitários tem o edifício? Quinze conjuntos por andar, vinte e quatro andares, tirando o térreo e a sobreloja ... Dão o quê? (Calcula) Duzentas e quarenta? Não, duzentas e sessenta patentes. Digamos que entrassem dez pessoas por dia em cada uma. São duas mil e seiscentas. Trinta por cento não fuma, vinte por cento já tem cigarro, sobra cinquenta por cento. São o quê? Mil e trezentos maços por dia. Instalando em cinquenta edifícios, dá em média cinquenta mil maços por dia, (Alarmado) Cinquenta mil! É mecha, seu. Cinquenta mil maços por dia. Cigarro dá o que de lucro? Cinco? Dez por cento? (Assobia) Menino, era um dinheirão. Cigarro e



revista. Outro fichinha e plique, saía uma revista. E revista dentro todo mundo lê. História em quadrinho então, nasceu para Dava até para pôr jornal. O sujeito não precisava passar pelo vexame de entrar com jornal embaixo do braço. Mais outra fichinha e, jornal. Bom, tem o problema da fichinha. Tinha de haver alguém vendendo fichinha, podia vender por mês. Cinquenta fichinhas por mês. É uma boa média. Afinal, há gente que vai duas vezes por dia. Fazia uma fichinha bonita, moderna, colorida. Mas é um ovo de Colombo (Entusiasmado) Um legítimo ovo de Colombo. Olha aí doutor Raul, o senhor trancadinho aqui dentro, pensando que tudo vai mal e de repente, bumba, tem uma idéia dessas que vale milhões. Que milhões ... Vale bilhões. Sim, senhor, bilhões. E com um detalhe muito importante: nem americano pensou nisso. Dava até para fundar uma firma cem por cento nacional. Abastecedora Brasileira de Sanitários. ABRASA. Mas olha que até fica bem: ABRASA. Tranquilidade e conforto para os seus momentos mais íntimos. Logotipo da firma: A estátua aquela do Pensador. Bárbaro. Um ano de boa publicidade e o pessoal nem fazia mais em casa. Era só pro vocar o consumidor: não deixe para fazer em casa o que pode fazer no trabalho com todo o conforto. Ficava até fino. E com a estátua do Pensador, num canto assim do anúncio, dava até um toque intelectual. Sim, senhor, um legítimo ovo de Colombo. Nem cinco anos e eu estava podre de rico. Podre de rico. Podia até vender a idéia para um americano. Eles gostam desse tipo de frescura. Depois o que não falta lá é edifício. Só o Empire States aquele, mantinha a firma. Tem lá dentro dezoito mil sanitários. Maja cigarro! Vendia a idéia e ficava recebendo os royalties. Vinte por cento. Não, eles não pagam isso. Gringo é duro em negócio. Davam dez. Cinco por cento que fosse e já me chegava. Cinco por cento para o mundo inteiro. Menino, dava folgado um milhão de dólares por ano. Sem contar com intoxicação e dor de barriga. Só com o movimento normal. Um milhão de dólares. Era um tapa na cara! Aí é que eu queria ver a cara deles. Estão vendo aquele sujeito? Enriqueceu com a idéia que teve quando ficou trancado numa patente. Era a minha vingança. Aí eu queria ver se eles iam achar patente feio. Um milhão de dólares por ano. Três bilhões e meio de cruzeiros. Três ..

(Sombrio) O imposto de renda me levava tudo. Raio de país desgraçado este, não estipula nem a iniciativa privada. Ah, não pago. Estou trazendo divisas para o país e ainda querem me cobrar imposto. Não pago. Deposito todo o dinheiro na Suíça. Um milhão de dólares! Mandava fazer uma patente de ouro maciço e punha na frente da minha casa. Só para humilhar a cafagestada. Ah, meu Deus, o que eu não fazia com um milhão. Comprava uma casa em Paris. Mandava a Carmela para o quinto dos infernos. Pegava a Belinha e perguntava: Quanto é que você vai cobrar a noite? Ela dizia e eu respondia. Tome, pago dobrado. Era outro tapa na cara. Mostrava logo o que eu penso dela. Tome, pago dobrado. E atirava o dinheiro no chão. E vai juntar do chão para aprender. O pior é

CORTE



que ela juntava mesmo. Juntava e ainda era capaz de pedir que gasse mais. Vasabunda. E dizer que cheguei a pensar em largar la e viver com ela. Não há nada como uma patente trancada para os olhos de um homem. Um milhão de dólares. É dinheiro, seu. Dava mil dólares para cada funcionário. Tome, isso é pelo sábado que você saiu mais cedo e me deixou trancado na patente. E dava mais mil para o pessoal da faxina: Tome, por terem largado o serviço na metade. Era um tapa na cara! Dava até mil dólares para aquele vagabundo lá de cima. Olhe, sua besta, veja o monte de dinheiro que eu ganhei quando você me mandou puxar a água. Jogava o dinheiro na cara dele. Não, isso era dar confiança demais para o cafageste. Um vagabundo daqueles não merece tanto. O melhor era empregar o canalha. Mil dólares por mês. Só para puxar a água da minha patente. Cada vez que eu sair, tem que entrar e dar a descarga. Fiça nomeado puxador oficial de água. Que tapa na cara! Que tapa na cara! Dava até entrevista. Fiquei rico trancado numa patente. E não deixava escrever nem lavatório, nem toalete. Tinha que ser patente. Privada. Latrina. Isso, latrina. Latrina é o supprassumo. Fiquei milionário trancado numa latrina. Medonho, medonho. No dia seguinte todo mundo se trancava na patente. Ia até ser elegante ficar trancado. Dava até notícia em coluna social. As dez mais trancadas do ano. Ah, meu Deus, era de lavar a alma. De lavar a alma. (Levanta e espreita) Tudo fechado. Gente miserável. (Torna a sentar). O problema era conseguir financiamento. Aquelas máquinas automáticas devem custar um dinheirão. E americano é muito safado com esse negócio automático. Garanto que nem vende. Só aluga. E com aluguel adiantado. Em dólar. Vou ter que bater nos bancos. Levantar o capital. Cigarro em patente? Ninguém vai se levar a sério. Vão dizer que fiquei maluco. Meu sogro é o primeiro. Velho canalha. Ri na minha cara e roubava a idéia. Ah, rouba. Claro que rouba. Já fêz isso com outros, porque não vai fazer comigo, rouba e se enche de dinheiro. Cafageste! Benque ele tem o tipo do sujeito capaz de vender cigarro em patente. E o pior é que vende. Com o dinheiro que ele tem, vende. Vende e ninguém ri. Muito pelo contrário, ainda ajudam. Dão crédito, financiamento, exclusividade. Em menos de um ano ele fica de dono de tudo. Forma um truste internacional de vender cigarro em patente. E ainda me humilha. Me oferece carguinho na direção da firma. E eu aceito. Com medo de perder tudo, aceito. E ainda dou festinha. E no meio da festinha, aquela vaca ainda me diz na cara que a minha idéia foi do pai dela. Jumenta! Ah, vida desgraçada, vida desgraçada. Parecia uma idéia tão boa. Um ovo de Colombo. Mundo infame, mundo infame. Hoje em dia até ovo de Colombo já vem podre. (Levanta e olha para a janela) Tudo apagado. Quando a gente precisa, não aparece ninguém. Quando não se precisa, fica cheio de gente. Garanto que se eu estivesse aqui com uma mulher, só dava binóculo em tudo que era janela. Para bandalheira, não falta seu vergonha. Mas para ajudar ... Vida desgraçada. (Senta desca-

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90070-025



...
nimado. Nisso se ouve um radinho de pilha) Mas (Levanta a cabeça)
Mas o que é isso, meu Deus? (Levanta) Mas é música.. (Vai e encosta o
ouvido na porta) É música. E vem vindo. E vem vindo. (Berra) Ei, ei,
quem está aí? Responda.

VOZ 5 (Voz pastosa de bêbado) - Moreira. Moreira.

RAUL - Seu Moreira, aqui é o Raul.

VOZ 5 - Raul? que Raul?

RAUL - Raul, o doutor Raul, o seu advogado.

VOZ 5 - Raul, amigo velho, estou mal. Ouviu Raul? Estou mal.

RAUL - Seu Moreira, eu ...

VOZ 5 (Corta) - Abre aí, Raul. Abre aí que eu estou mal.

RAUL - Seu Moreira, a porta da ...

VOZ 5 (Corta) - Foi o que deu para chegar aqui.

RAUL (Consigo) - Ah, meu Deus.

VOZ 5 - Foi o que deu, amigo velho. Abre aí.

RAUL - A porta, seu Moreira ...

VOZ 5 (Corta) - Não discute, comigo velho, Abre aí e não discute.

RAUL - A porta está trancada, seu Moreira.

VOZ 5 - Eu sei, amigo velho, mas abre aí.

RAUL (Berra) - A porta está trancada.

VOZ 5 - Não grita comigo.

RAUL (Grita) - Esta trancada.

VOZ 5 (Berra) - Não grita comigo. Está me entendendo? Não grita
comigo.

RAUL (Paciente) - Seu Moreira, não estou gritando, acontece ...

VOZ 5 (Corta) - Não quer abrir essa porcaria, não abre. Mas não
grite comigo. Não grita comigo que eu te quebro a cara (Afasta) Te
quebro a cara.

RAUL (Chama asonhado) - Seu Moreira, um momento, Volte aqui.

VOZ 5 (Grita afastado) - Cala essa boca. (Pausa. Berra) Entupido,

RAUL - Mas que reverência, que reverência, que reverência. Era só o
que me faltava acontecer, Porca miséria porca. Era só o que me falta-
va acontecer. Só, só, só. Depois de tudo, o Moreira. Não chega aquele
outro lá de cima, vem o desgraçado do Moreira. Logo o desgraçado do
Moreira. Velho, idiota, imbecil e bebado. Bebado, santo Deus! Bebado.
Normal ele já não vale um tostão, ainda me aparece bebado. O Moreira
bebado, sábado, à uma da manhã. À uma da manhã, comigo trancado. O Mo-
reira bebado comigo trancado. Bebado. Bebado e meu cliente. E meu cli-
ente, maldita banca dos infernos. Só me faltava mais essa. E meu cli-
ente. Nem todo o dinheiro do mundo. Cinco anos mantendo esse contra-
bandista conegador fora da cadeia. Cinco anos. Dia e noite. E na hora
de me agradecer, entupido. Me chama de entupido e nem sequer me abre
a porta. Ah, raça desgraçada. Entupido e trancado. E trancado! E eu
mereço isso. Sim, senhor, eu mereço isso. O que custava ter sido pro-
motor? O que custava? O que custava ter sido juiz? O que custava ter



posto uma banca decente. O que custava, maldito trançado. Mas senhor. O doutorzinho não queria saber do sacrifício. Não, senhor não queria. O doutorzinho viu aquele monte de banca cheio de dinheiro e bumba, se atirou em cima dele. De olhos fechados. Abre os olhos, desgraçado. Aqui está Sua Excelência o Bacharel Entupido da Porta Trançada. Vagabundo! (Se dá dois valentes tapas na cara) Era o que você merecia. Patente. Nem cadeia, patente. Tomara que explodisse uma bomba atômica e você ficasse preso aqui dentro. Para o resto da vida. Condenado. Patente perpétua. Sem livramento. Condicional, Era isso que eu merecia. Morrer seco aqui dentro. Seco e mumificado. Dentro de cinco mil anos, vinha um arqueólogo, cavar neste lugar, achava a minha múmia no vaso e me levava para um museu. Aqui está ele. O Tutankamon da Dor de Barriga. (Passeia furioso) Ah, meu Deus, meu Deus. A que ponto um homem chega. A que ponto! Mas e os outros. Maldita porcaria. E os outros? É isso o que não me conforma. Não me conforma. Outros entram e saem e não acontece nada. Nada. Eu entro e fico trançado. Por quê? Por que, justo céu? Aquela velho bebado, contrabandista e sonegador anda solto por aí, sujando as calças. Eu, fico preso aqui dentro. Mas por que eu? Por que eu? No que aquele cafaresta é melhor do que eu? No que? Onde está a justiça, santo Deus? Onde? Se todo mundo que entrasse, ficasse preso, ainda vá lá. Eu nem me queixava. Era regra geral. Mas os outros não ficam. Diabo dos infernos, os outros não ficam. Eles entram e saem. Entram e saem. E às vezes a gente ainda tem que berrar: fecha a porta, desgraçado. E eu, eu que nunca deixei a porta aberta, nem para lavar as mãos, nem sequer para escovar os dentes, entro, fecho a porta e - miséria das misérias fico trançado. E fico trançado. E ainda tenho que aturar a cafarestada. A cafarestada. É, é isso o que eles são. Uma cafarestada. (Alto) Ouviram bem, o que eu disse? Eu disse: cafarestada. (Tom). E cafarestada de patente aberta. Isso é o que me dói. De patente aberta. Mulher, criança passando e eles de patente esca-carada. Não respeitam ninguém. Ninguém. Ali, sim-senhores, sentadinhos no trono. A empregada se demite, a mulher se desilude, a filha tem um trauma e eles, nem nada. De jornal aberto. E eu? Eu entro bem comportado, fecho a porta bem educadinho, e fico trançado. Ô vida, vida. (Olha para a janela) Edifício desgraçado. Nem rato se vê. Tudo escuro. (Passeia) Ah, meu Deus, que situação miserável. Caio daqui e qualquer vagabundo vai poder limpar os pés em cima de mim. Qualquer vagabundo. (Pára) Nunca mais na vida vou poder entrar numa patente desca-sada. Nunca mais. É só pegar o jornal e a conversa já pára e fica todo mundo se olhando. Lá vai ele. E vai ficar trançado outra vez. Eu me levanto da cadeira e é o toque de silêncio. É agora. Mal entro na patente e os urubus já começam a se babar. Ficou trançado de novo. E com tanta gente acurando, eu vou terminar ficando. (Passeia) Sim, senhor, eu vou terminar ficando. Vou terminar ficando trançado de novo. Vou. Uma desgraça nunca vem sozinha. Quem ficou trançado uma vez, fica trançado a segunda. É como ganhar na lo-



teria. O difícil é a primeira vez. Depois ... Fico de novo. Fico (Para) Ah, mas não me pesam mais desprevenido. Não, senhor, não me pesam mais desprevenido. Porque, daqui por diante, só entro em patente um livro dessa grossura debaixo do braço. Dessa grossura. Fiquei trancado, nem me preocupo. Abro o livro e leio uma semana inteira. Podem rir a vontade. Fico com o meu livrinho. Podem rir. (Para) Rir é que é o problema. Rir é que é o problema. Quando saio com o livro, eles ainda caem na gargalhada. (Fasseia) Ah, meu Deus, meu Deus, (Para) Ah, não passo por isso de novo. Morro, mas não passo. Entro, mexo no tranco, não abriu, não tem mais discussões me mato na hora. Me mato na hora. Me enforco na gravata. Não tem gravata, abro a torneira, meto a cara na pia e me afogo. Que riam do meu cadáver. Pronto, podem entrar. Ali estou eu: morto. Agora podem rir à vontade. Podem até me atirar pela janela. Não me faz a menor diferença. Mematei, e está acabado. (passa a ser aflito) Não, não posso fazer uma coisa dessas. Não posso fazer. Essa canalha não ia entender. Dignidade não é para qualquer um. Não dizer que eu tinha mania de suicídio. Ainda me difamam. Dizem que eu tinha complexo de patente. É, Freud explica, gostava de ficar trancado. Se trancava de propósito. Ah, maldito Freud. Aquele era outro. Passa uma vida inteira estudando só para dar argumento para a cafagestada. Complexo de patente, Canalhada. Não respeitam nem morto, Ah, não. Esse gosto eu não dou. Não, senhor, esse gosto eu não dou. Nem morto. Anim, com porta aberta ou com a porta fechada, ninguém difama. Ninguém. Não dou esse gosto. Vou mostrar com quem estão lidando. Vou mostrar. (Para decidido) Daqui por diante só entro em patente que tiver saída de emergência. Saída de emergência. Qual é o problema? Avião tem, por que patente não pode ter? Ou pensam que imprevisto só acontece lá em cima? Saída de emergência. E se não tem, mando pôr. Exijo, saída de emergência. Fecha uma porta, nem ligo, saio pela outra. É isso que um homem precisa ter na vida: saída de emergência. Duas portas, duas saídas. Para tudo, Avião, vida, patente. Trancou uma não tem problema, sai pela outra. Pronto, acabou o perigo. Acabou a humilhação. Acabou a fatalidade. Posso entrar a vontade. Tranquilo, confiante. Eh, porcaria, tão simples. Caindo de maduro. Saída de emergência. Uma conquista da civilização. A vitória do homem sobre o imprevisto. Duas portas. Duas ... (Se detém diante de uma dúvida fininha) Duas? E se um dia...? E se um dia trancam as duas? (Tenta afastar a idéia) Não, isso não pode acontecer. Não pode acontecer. Não pode acontecer. Fosse uma, vá lá. Uma trancada. Mas se uma tranca a outra... Tranca. Tranca, pode trancar. Falta de uso, ferrugem, unidade. Tranca. Tranca até saída de emergência de avião. Até de avião que é fiscalizada. Tranca. Carregado como eu ando, tranca a outra. E lá fico eu outra vez: trancado. Presso outra vez. Humilhado outra vez. Massacrado ... (Furioso) Mas não é possível. Isso até parece conspiração. Eu viro e mexo e termino sempre trancado numa patente. Mas é uma maldição! Uma prasa! Um castigo de Deus! E serás trancado até a quinta geração! (Delirante) Não, corri



go, não. Cozido não. Nunca mais. Porque, a partir de hoje, só entro em patente de maçarico na mão. É minha vez. Querem, não querem? Pois então aguentem. É a minha vez. Levo um maçarico. Um maçarico, um martelo, uma alavanca. Levo, sim, senhor. Levo um pé de cabra, um macaco hidráulico. Uma banana de dinamite! Trancou essa porcaria, eu arrebe^{nto} tudo. Arrebe^{nto} tudo. Tudo, tudo. Mando fazer um armário de aço e guardo tudo lá dentro. Maçarico, macaco, dinamite. Tudo lá dentro. Pronto para o grande dia. Trancou a porta da frente, trancou a saída de emergência, nem pergunto mais o que houve. Abro o armário e começo a guerra e arrebe^{nto} tudo. Tudo, tudo, tudo. Eles vão ver. Arrebe^{nto} tudo. Trancou a porta da frente, trancou a saída de emergência, trancou a porta do armário, eu... (Caindo em si) Meu Deus, o que foi que eu disse? Trancou a porta do armário. Trancou, trancou, trancou. Era inevitável, inevitável, inevitável. Trancou a... trancou a... tranca a porta do armário. Tranca. Sim, senhor, tranca. Trancou a porta da frente começa a trancar tudo. Tudo, tudo. Porta, janela, armário, pia, torneira, descarga. Gravata, cinto, capeta. Tranca tudo, tranca tudo. Tranca tudo e eu, fico sepultado aqui dentro. (Martir) Pois que tanque. Bebo o cálice até a última gota. Nosso Senhor da Porta Trancada. Morto, crucificado pelo mundo numa patente. Morro e ainda me enterram com uma salva de descarga. (Indo ao fundo) É isso o que eles querem. A morte. O sacrifício. A desonra. É isso o que eles querem. Não posso fazer mais nada. (Ressuscitando) Posso. Posso. Ainda me resta um recurso! Nessa eles não pensaram. Fizeram tudo, mas nessa ainda não pensaram. Não, não pensaram. Ainda me resta um recurso. Um último recurso. É agora que eles me pagam. É agora. (Decidido) Eu, Raul Mello, bacharel em direito, não saio mais daqui. (Triunfante) Ouviram? Eu, Raul Mello, bacharel em direito, trancado injustamente nesta sórdida patente, não saio mais daqui. Nunca mais. (Ri) Ah, querem me prender de novo? Pois não vão me prender. Não saio mais daqui. Por essa que eles não esperavam. Não saio mais daqui. Acabou a farsa. Trancado e meio. Não saio mais daqui. Vivo, não saio mais daqui. Nunca mais. Nunca mais cruzo por aquela maldita porta. Nem que me peçam de joelhos. Nem que a minha própria mãe venha e caia de joelhos na minha frente, implorando com as mãos erguidas para o céu. Nem aí. Não saio. Eu, doutor Raul Mello, bacharel em direito, a partir deste momento, passo a residir aqui, aqui dentro. E segunda-feira, vou mandar por uma placa na porta: Raul Mello, advogado. Desquites, inventários e dores de barriga. Me instalo aqui dentro. Para todos os fins de direito. Oficialmente. Residência e escritório. E ainda trago aquela gorda remelenta para viver aqui comigo. Tome, entre. Venha aprender a fazer assado com pimenta aqui dentro. Vaca tetuda. Dormitório, cozinha, sala de estar, está tudo aqui. Esparrame as banhas à vontade. Tempo é que não falta. Cráscipho? Sirva aqui dentro. Tem um rolo inteiro de guardanapo ali no canto. Mamãe veio visitar? Tenha a bondade. Traga aquela hipopótamo

cá para dentro. Ah, não me diga? O velho cafageste veio junto? Mas que satisfação! Tenha a bondade, sente-se ali. (Aponta o vaso) Meu vaso predileto, mas faço questão. Para as visitas, só o melhor e o bastante. E duvidam muito ainda baixo uma ordem: visita, só de calça na mão. Não mandam apertar o cinto? Pois aqui dentro vai ser o contrário. Governo do cinto, aberto. E quero ver a cara de todo mundo. Não tem que apagar a luz. E de luz acesa. Luz acesa para que eu possa ver a importância de todo mundo. E tomara que falte água. Ah, uma semana de falta d'água e eu estava realizado na vida. Ainda fechada a janela. Ah, não ver. Ora, se vão. Estavam pensando que me apanhavam noutra? Pois podem mudar de idéia, porque não vão me apanhar. Nunca mais. Não saio mais daqui. Morro aqui dentro. E ainda tem mais: meto a mão na cara do primeiro que abrir essa porta. Abriu. Leva a mão na cara. Para aprender. Leva a mão na cara. Para aprender. Leva a mão na cara. Dou uma lição nessa cafagestada. Vão ver o que é dignidade. E, dignidade. É a palavra. Dignidade. (Bate na porta que muito simplesmente abre sem que ele perceba) Eles não sabem com quem estão lidando. (Olha a porta sem se dar conta) Me deixar dois dias aqui. Dois dias de porta aberta. Trancado numa (Olha para a porta e deixa a palavra seguinte escanar lentamente) patente. Aberta. (Vira as costas para a porta) Aconteceu. Fiquei maluco. Fiquei maluco. Doze horas de patente, e fiquei maluco. Comecei a delirar. Deve ser, como se perder no deserto. Tres dias sem água e miragem. Como deserto. Só que patente é mais depressa. Nem é preciso tres dias. Doze horas e adeus para fusos. Ou então, quem sabe, eu sofria de patentesofobia e não sabia. (Espia pelo canto dos olhos) E lá está ela. Aberta. E agora, meu Deus? O que é que eu faço? Acredito ou não acredito? Não posso acreditar. Não posso, E preciso resistir. E preciso manter o pouco de juízo que me resta. Aquela porta está fechada. Definitivamente fechada. Há doze horas. Fechada, emperrada, trancada. Santo Deus, como foi que isso foi acontecer comigo. Talvez seja um choque. Um trauma psíquico. Claustrofobia. Não, não posso entrar em pânico. Seria pior. É preciso manter a calma a todo custo. Calma é o essencial. A porta está fechada. Eu sei que ela está fechada. Vou me voltar, olhar e ver uma porta fechada. (Se volta lentamente) Aberta. (Se volta) Aberta. Essa maldita desgraçada nunca está como eu quero, Nunca. Não, eu não posso continuar assim. Eu não posso perder a cabeça. Araiva é irmã da loucura. Eu preciso fechar aquela porta. Maluquice ou não, eu preciso fechar aquela porta. (Empurra a porta lentamente com o pé) Fecha, infeliz, fecha. (A porta vai e volta) Não adianta. Cheguei no fundo. A porta obedece, mas a mente não. Fiquei louco. Vou sair daqui dizendo que sou Napoleão. (Olha a porta por um instante. Empurra levemente a porta. Ela vai e vem. De outro ritmo ele cantarola) Napoleon aveç, ses cent soldats, Napoleon avec ses cent soldats. (T) Mas que Napoleão... (Apanha o casaco e a gravata decidido) Sou eu mesmo, Raul Mello. (Sai. Não chega a fechar a porta) Eu mesmo? Nunca mais vou ver o mesmo homem. Maldita porta (Fecha).